



DE FEMINISMOS, SEXUALIDADE, CONVENÇÕES DE GÊNERO NO HIP HOP SOTEROPOLITANO

Rebeca Sobral Freire¹
Profa. Dra. Alinne de Lima Bonetti²

Resumo: Este estudo discute questões em torno das convenções de gênero e feminismo no Hip Hop em Salvador a partir da perspectiva das jovens militantes. Busco analisar as convenções de gênero, de sexualidade e corpo em relação a experiências entre jovens mulheres heterossexuais e lésbicas no movimento soteropolitano. Assumindo o método qualitativo de pesquisa, esta investigação de cunho etnográfico utilizou-se de entrevistas semiestruturadas realizadas junto às hip hoppers, bem como da observação participante oriunda da convivência junto ao grupo estudado, sob o aporte interdisciplinar dos estudos de gênero e feministas.

Palavras-chave: convenções de gênero, feminismo, hip hop, sexualidade

Este artigo tem por objetivo discutir questões em torno das convenções de gênero e feminismo no Hip Hop em Salvador a partir da perspectiva das jovens militantes. Neste trabalho pretende debruçar-se sob as convenções de gênero, corpo e de sexualidade a partir da dissertação “Hip Hip Hop feminista? Convenções de Gênero e Feminismos no movimento Hip Hop soteropolitano”.

É fruto da investigação das experiências de um Hip Hop feminista soteropolitano como perspectiva da pluralidade do feminismo enquanto movimento social, ao considerar as formas de apropriação dos discursos feministas e o engajamento em suas bandeiras na militância das interlocutoras da pesquisa. Nesta oportunidade, dedico um olhar interessado nas experiências e relações das jovens mulheres heterossexuais e lésbicas no movimento soteropolitano em atenção a sexualidade e ao corpo das mulheres.

“um espaço de lutar contra a opressão, um espaço de resistência”

¹Doutoranda do Programa Interdisciplinar sobre Gênero, Mulheres e Feminismo (PPGNEIM/FFCH/UFBA). rebeca.sobral@gmail.com

² Professora Adjunta UFBA/NEIM. alinne.bonetti@gmail.com

O contexto estudado está ambientado no espaço do movimento social Hip Hop soteropolitano onde se desenvolve a militância das jovens interlocutoras. Toma-se a análise que este movimento constitui-se a partir da combinação particular de três matrizes ou gramáticas políticas, a saber: movimento feminista, movimento negro e movimento de juventude. Para tanto, ressalta-se a atenção à articulação entre os marcadores sociais de gênero, sexualidade, e raça na prática política investigada.

Por Hip Hop entende-se a composição de manifestações que se expressam através das artes de matrizes culturais africanas, caribenhas e americanas, atreladas a aspectos modernos (entre eles, a própria união de diversas matrizes culturais, a reconstrução de identidades na diáspora) e tecnológicos. Sua origem remonta aos anos 1970, quando jovens afroestadunidenses e imigrantes caribenhos e latinos residentes do Bronx, bairro periférico de Nova Iorque (EUA), deram forma ao Hip Hop e aos seus elementos básicos: *break*, *rap*, *grafite* e *Dj* (SANTOS& SUNECA, 2009), além do que chamo de quinta elemento, a militância que permeia a todos os outros (FREIRE, 2010, 2011).

Todas essas artes expressas pelo Hip Hop e que configuram os elementos com linguagem desta cultura juvenil, não se restringem apenas ao âmbito estético e musical, também produzem discursos para a luta política, tendo em sua essência a educação (informal, produzida na rua em diversos espaços urbanos e situações do cotidiano) estimulada e embasada na atuação da juventude. Esta característica pode ser compreendida a partir do conhecimento da constituição do Hip Hop e seus elementos que ocorre nos Estados Unidos inserido num cenário político pós-movimento por direitos civis e movimento black power, ocorrido respectivamente durante os anos de 1930 e 1950, e nos anos de 1960 e 1970. É neste contexto de embate social que o Hip Hop se transforma em uma alternativa política³.

Na Bahia, o surgimento do Hip Hop⁴ na década de 1990 se deu num período em que a participação das mulheres no movimento ganhou visibilidade no cenário brasileiro através de intervenções de algumas *hip hoppers* icônicas, que ajudaram a constituir grupos e ações do Hip Hop no país. Essa década teve um importante significado em relação à participação e identidade das mulheres negras, segundo Maria Aparecida da

³ Segundo Collins (2006), esta juventude afroestadunidense alcançou visibilidade da mídia para aprofundar os debates em torno das questões de gênero, raça, nacionalidade, idade, e sexualidade refletindo as contradições do novo racismo, vivenciando o contexto de explícitas leis de segregação racial e o ideal de oportunidades da “América” livre.

⁴ O Hip Hop é reconhecido como uma das expressões culturais da ‘diáspora’ africana por autores como Stuart Hall (2003) e Paul Gilroy (2001) - embasados pelos estudos descoloniais.

Silva, pois “[...] o surgimento da organização do movimento de mulheres negras no Brasil é concomitante ao surgimento das primeiras *rappers*” (SILVA, 1995, p. 516).

As artes do Hip Hop tornam-se um instrumento que expõem a condição dos/das jovens e da sua reivindicação de direitos junto ao poder público (MATSUNAGA, 2008). Ações que se desenvolvem de forma articulada com outros segmentos, que atuam a partir do diálogo “com o poder público local, promovendo interação entre as demais cidades brasileiras, e realizando encontros nordestinos e de gênero, com um grau de organização muito próprio” (OLIVEIRA, 2007, p. 66)⁵.

As discussões sobre os temas pautados por integrantes Hip Hop surgem a partir das experiências do próprio cotidiano dessas jovens e interferem nas pautas do Movimento Hip Hop. Estas implicam na compreensão acerca dos modelos de feminilidade e de masculinidade das convenções de gênero, de sexualidade e corpo no movimento e na sociedade, foco desta investigação.

As relações sociais podem ser entendidas a partir das convenções de gênero. Por convenções de gênero pode-se compreender uma espécie de roupa para vestir gênero de características culturais e simbólicas. Alinne Bonetti (2007, p.68) conceitua por convenções de gênero

O conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo, reproduzem e recriam estas mesmas convenções e as suas práticas.

Já segundo Jeffrey Weeks, “a sexualidade tem a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações tanto quanto com o nosso corpo físico” (2000, p.25). O autor continua sua exposição do tema afirmando que “os corpos não tem nenhum sentido intrínseco e que a melhor maneira de compreender a sexualidade é como um “construct-histórico” (Ibid.). Neste sentido, a sexualidade está para além do corpo, estando situada ao contexto histórico e cultural de cada indivíduo, a exemplo das jovens *hip hoppers* soteropolitanas, em que cada uma em separado traz consigo sua bagagem social expressa em seu corpo.

De acordo com Donna Haraway (1995), há uma necessidade de compreensão de como significados e corpos são construídos. Para tanto, a autora defende o desenvolvimento de “saberes localizados”, não redutíveis, mas parciais diante de uma

⁵ Como exemplo dos temas envolvendo estas políticas estão: a lei 10.639/06 de inclusão da história e cultura da África e afrobrasileiras nos currículos escolares; atenção à saúde da população e, em especial, à anemia falciforme; cotas no ensino superior; regulamentação do trabalho doméstico, combate à violência contra a mulher, dentre outras.

experiência corporificada. Para ela, estes “saberes localizados” significam uma objetividade feminista e corporificada que se inscreve como uma escrita feminista do corpo, portanto, limitada, parcial e situada. Esta ideia está atrelada ao fato de nos tornarmos responsáveis pelo que aprendemos a ver e pelo conhecimento que produzimos.

Neste sentido, a construção de um pensamento feminista se constitui no diálogo da teoria com a prática cotidiana da vida das diversas mulheres em suas distintas configurações e relações. Para tanto, Maria Betânia Ávila (2000) define o feminismo pela composição entre prática política e pensamento crítico. Para autora,

Movimento Feminista é aquele que tem como perspectiva a transformação das relações de gênero, cujo foco de atuação é a luta por liberdade e igualdade para as mulheres, o que o torna um movimento contra a exploração e a dominação às quais estão sujeitas as mulheres (ÁVILA, 2000, p.6).

Para atender a perspectiva de produzir o que seria uma ciência ou teoria feminista (SARDENBERG, 2002), esta pesquisa qualitativa assumiu uma investigação de cunho etnográfico que se utilizou de entrevistas semiestruturadas realizadas junto às hip hoppers, bem como da observação participante oriunda da convivência junto ao grupo estudado, sob o aporte interdisciplinar dos estudos de gênero e feministas.

O grupo pesquisado compôs uma heterogeneidade interna reconhecida pelas múltiplas identidades entre mães, lésbicas, solteiras, estudantes e outras, não tendo sido utilizada uma categoria específica para tratar sexualidade, orientação sexual ou mesmo diversidade sexual como privilegiada de atenção no roteiro ou na análise do texto que dá origem a este trabalho. Porém estas foram questões mencionadas por algumas delas em suas falas, além de incorporados em suas produções individuais ou em grupos, que mereceram a devida atenção neste trabalho.

Nas falas das interlocutoras estavam presentes símbolos de força, coragem e poder que identificavam as convenções de gênero acerca do modelo de feminilidade que se destacavam em diversas expressões, a exemplo da atitude de subir no palco, mostrar sua música, afirmarem sua identidade de mulher, negra, lésbica e outras. Entre elas foram destacadas questões em torno do corpo das mulheres que passeavam entre objetivação, comportamento, roupas e o próprio aspecto de direitos e cidadania.

São vivências marcadas muitas vezes pela busca de impor limites às ações das jovens não apenas nos palcos, mas também relacionadas ao controle de seus corpos desde a roupa que usam nas atividades do movimento, no seu comportamento sexual em

relacionamentos dentro do grupo, além das próprias restrições vinculadas às oportunidades de trabalho no campo da música *rap* (SILVA, 1995; MATSUNAGA, 2008; GOMES, 2008) e de outros elementos do Hip Hop. Muitas são as expressões utilizadas dentro do próprio movimento que contribuíram para demarcar a imagem das mulheres no Hip Hop, e, em especial, nas letras e performances do *rap*.

Estas são algumas das questões que serão expostas nesta reflexão que destacará neste momento o elemento mais famoso do Hip Hop e que tem mais abrangência dentre suas linguagens. O rap, o elemento musical do Hip Hop.

O rap tem dado voz aos excluídos, inclusive as mulheres e o resultado foi um clima descontraído, produzindo mensagens de protesto em torno da liberdade do corpo das mulheres e a chance de muitas mulheres se permitirem a se envolver com o *rap*, especialmente para jovens que nem deste estilo gostavam. Sapatos de salto alto passaram a ocupar espaços antes exclusivos de tênis coloridos, de cano alto ou baixo. Algumas *rappers* não abriram mão de sua maquiagem, batom e rímel, adereços nos cabelos e no corpo como turbantes e brincos grandes, pulseiras, penteados que exploravam a beleza negra a exemplo dos cabelos estilo *black power* e trançados das formas mais inusitadas. Elas sobem nos palcos demonstrando que o *rap* também era coisa de menina e tem estilo feminino de *performance* no *rap* para cantar, rimar (compor) e interagir com a plateia.

Como produto cultural produzido por estas *hip hoppers*, suas criações vinculadas aos elementos do Hip Hop, tem propagado suas inquietações em torno destes modelos previamente estabelecidos para suas vivências de gênero. No caso do rap, suas letras têm sido porta-vozes na denúncia das discriminações vividas pelas próprias *rappers* que cantam suas experiências, baseadas em suas reflexões e propostas de alternativas criadas por elas e pelo movimento de mulheres. Carla compartilha a experiência do rap como veículo para seus objetivos da militância.

O objetivo que eu acho que é assim, através da arte né, conseguir levar todas as questões que a gente discute de gênero, de orientação sexual, de raça; através da arte a gente consegue, a arte é uma ponte muito fácil de chegar ao outro, assim eu acredito, é muito mais fácil de você sensibilizar a pessoa e fazer com que a pessoa perceba todas essas questões através da arte (...) Então o objetivo é a gente passar essa mensagem mesmo para as pessoas (Carla, 12.04.2008).

Neste momento, a pauta das *rappers* é colocam em debate temas por muitas vezes velados na sociedade e que afligem diretamente as mulheres e seus corpos. Como exemplo da voz musical das *hip hoppers* apresento duas letras de *rap* produzidas pela banda Munegrade, banda de *rap* composta apenas por jovens negras soteropolitanas.

Os dois raps referidos tratam de composições das autoras e cantoras, as *rappers* Simone Gonçalves Santos, Elísia Maria de Jesus Santos e Carla Cristina dos Santos Jesus (formação da banda no momento da pesquisa)⁶. O primeiro *rap* trata da música “*Levante a cabeça*”, que discorre sobre o tema violência contra as mulheres. Apresento-lhes um trecho da letra:

Aí mulher você que é violentada
E quem aqui nasceu pra levar porrada
de nenhum homem ou de qualquer mulher
Interfira nessa ideia mais rápido que puder
Conquiste seu direito de cidadã
Não deixa o que você pode fazer hoje Para amanhã
Não deixe as lesões corporais te atormentarem
E as ameaças mentais se agravarem
Mesmo que surja de dentro do seu seio familiar
O importante para sua vida é denunciar
Ande, estufe o peito, olhe para frente
Vá a delegacia mulheres, faça diferente
Para que outras mulheres possam fazer o mesmo
É em busca de respeito que rompemos o medo
Pois milhares de mulheres estão nessa prisão
E não podemos mais esconder essa situação
Que arranca a liberdade dessas mulheres de viver
E ainda se auto culpa por nascer
Que pensam que os problemas são delas e na verdade
É um sistema cultural de sequelas

Aqui eu vou em busca de respeito
Aqui rompendo o meu medo
Aqui vou levantando minha cabeça bis
Aqui o poder é seu não se esqueça
(...)

É comum que as letras de rap sejam um tanto extensas, descritivas e críticas da realidade vivida. Segundo Carla, uma das *rappers* da banda, a importância do diálogo do qual o *rap* passa para seus ouvintes propõe uma alternativa de informação, crítica social e proposta de alternativa para as mulheres transformarem sua realidade. O rap é entoado como que uma conversa entre pessoas próximas que compartilham situações e questões similares na vida.

É interessante destacar que as *rappers* expõem neste rap ‘Levantem a cabeça’ a menções a situações de violência vivenciadas em relacionamentos heterossexuais e lésbicos ao apontarem um problema social da violência conjugal e doméstica. ‘*Aí mulher você que é violentada, e quem aqui nasceu pra levar porrada de nenhum homem ou de qualquer mulher*’. Elas estimulam a denúncia da violência pela vítima inclusive em órgãos como delegacia da mulher, ao descreverem a complexidade destas questões.

⁶ A banda Munegrade continua ativa, porém com outra formação.

Em comparado com as produções dos *rappers* homens, o tema escolhido pelas *rappers* se pode perceber indícios das sanções de gênero e a utilização do *rap* como forma de contestar normas tácitas de gênero e suas assimetrias. Enquanto que a maioria das letras dos raps contadas pelos hip hoppers tematizam violência policial e criminalidade, dentro outros como mostrado anteriormente, as letras das *rappers* trazem questões sociais vivenciadas pelas mulheres, a exemplo da violência de gênero (GREGORI, 1993; SAFFIOTI, 2001). Tema que entrou na ordem do dia nas mais diferentes manifestações de mobilizações feministas e de mulheres, e também é pauta LGBTT⁷.

No caso da letra que trata sobre violência contra as mulheres, a mensagem principal objetiva estimular as mulheres vítimas deste tipo de violência a darem um basta nesta condição de vida. Elas apontam alternativas de romper esta situação e identificam vários casos e formas de violência contra as mulheres. O intuito da mensagem deste rap é de se colocar no lugar da pessoa discriminada por estar próximo a esta realidade, como explicou Carla:

Então, a importância da minha participação eu acredito que seja é, eu acho que é tipo ta falando de igual para igual, sabe? É... tipo de eu ter mérito de estar num lugar e falar de igual pra igual com uma outra pessoa que também é da minha realidade né. É... Que.. É isso, que também precisa de uma, tipo um “levanta aí, acorda né!”. Então acho que tem um maior impacto quando vem de uma pessoa que vivencia tudo aquilo, que vivenciou várias coisas também que aquela pessoa tá passando, então eu acho que o impacto é mais forte (Carla, 12.04.2008).

A afirmação de falar “*de igual para igual*” permite uma aproximação com a realidade vivida e com os personagens daquela estória que poderia ser a *rapper* que canta e compõem a música, como pode ser também o relato de uma história apenas conhecida de perto por amigas, colegas, e familiares, ou mesmo a partir de uma notícia publicada no jornal ou na revista ou exibida na televisão. Neste caso de Carla, “*de igual para igual*” remete ao lugar de onde se fala, de quem conhece aquela realidade e que poderia estar vivenciando aquela experiência. O que remete a um processo de identificação e até solidariedade entre mulheres por compartilharem uma realidade que reforça a convenção de fragilidade e subalternidade moldada às convenções de feminilidade e que são contestadas ao que reivindicam outra referência de gênero.

O segundo *rap* da banda a ser apresentado é intitulado “*Eu gosto dela*”, que fala sobre a questão da diversidade e orientação sexual dentro de um contexto mais

⁷ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

específico de combate a situações de homofobia. Este *rap* serviu de trilha sonora e inspirou o roteiro do curta-metragem de cinco minutos que leva o mesmo título da música, “*Eu gosto dela*”⁸.

A nossa bandeira é vermelha e cor de abóbora
Amarelo, verde, azul e violeta
De todos os segredos existe um que é fatal
É seu olhar de menina que faz de você mulher sexual
Ninguém venha me impedir de amar você
E impor o que eu devo, olha só, fazer.

Eu gosto dela, Ela gosta de mim
A gente tem um segredo que não tem fim
Eu gosto dela, Ela gosta de mim
A gente tem um segredo que não tem fim

Vivemos disfarçadas no mundo heterossexual
Machista e racista, e ainda por cima, patriarcal
Mas nosso amor é mais forte que tufão
Quebrando essa barreira que homofóbica meu coração

“Eu gosto dela” trata da liberdade de vivenciar a orientação homoafetiva entre duas mulheres que não tem vergonha de sua sexualidade, mas que reconhecem as precauções que devem ser tomadas diante de um contexto de uma sociedade homofóbica. O reconhecimento de uma bandeira de luta é exposto pelas cores do arco-íris que colorem a afirmação de que uma mulher gostar de outra mulher é possível e deve ser livre de discriminação.

A autonomia do corpo das mulheres tem sido uma pauta do movimento de mulheres do Hip Hop que crescentemente se assume e reivindica reconhecimento como movimento de mulheres e/ou movimento feminista. Este hip hop feminista se afirma através de seus elementos, sendo o tema violência ou seu combate um das principais pautas tocadas nas letras de rap.

Desta mesma forma crítica e “atenada”, esta juventude transforma e constrói seu próprio feminismo com a linguagem do Hip Hop. É interessante perceber as oportunidades que uniram estes movimentos Hip Hop e feminista como em um processo social, num campo propício para criações de espaços de trocas de conhecimento. Este diálogo entre estes dois campos potencializou as mulheres em seus movimentos, como mostra Carla em sua experiência com os elementos do Hip Hop.

⁸ Videoclipe que trata das memórias da infância e juventude de uma filha a partir do olhar da mãe afetada pelas representações de gênero dominantes na sociedade brasileira. São abordadas, de forma irônica, as representações heterossexuais hegemônicas e a orientação homossexual. Palavras chave: Homossexualidade. Gênero. Representações. Rap. Hip Hop. Munegrade. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2MWEJWC4VCw>>.

A música e o break: Eu acho que é muito palavra e corpo. Através do rap justamente por conta de eu estar inserida no meio e de amizades mesmo, né, pra me apresentar esse mundo do rap, da música é... eu enquanto sujeita, no caso. Não enquanto uma pessoa que fica sentada ouvindo rap e tal; mas aí as amizades vêm no sentido de é... de eu poder me expressar também através da música, né. Eu também posso fazer música, eu também posso cantar né. E através do break, porque dentro dessa, desse espaço de militância do movimento hip hop né, e aí vem a discussão de gênero que a gente percebe que as mulheres, mesmo sendo um espaço de lutar contra a opressão, um espaço de resistência, como eu já falei, mas é um espaço também que reproduz muita coisa e aí a gente é, é... pesa muito sobre essa questão do corpo, como esse corpo se movimenta, como esse corpo fala também e o break eu tive contato a partir do, de um curso de formação né, formação de b-girl (Carla. 12.04.2008).

O caso de Carla em meio a atividades de desenvolvimento dos elementos do Hip Hop, o *rap* e o *break*, mostra este movimento aberto para tratar de questões variadas, porém situadas e inseridas em espaço político, “*sendo um espaço de lutar contra a opressão, um espaço de resistência*”.

Entretanto, como observação comum a todos os movimentos sociais, Carla afirma que mesmo com todo o caráter político contestatório das convenções sociais e de gênero embutido ao Hip Hop, este “*é um espaço também que reproduz muita coisa*”. Ele protesta contra as desigualdades e discriminações, mas também é um espaço em que estas violências acontecem, o que expõe o desafio posto ao próprio movimento, ponto de constantes críticas das *hip hoppers*.

Contudo, quando a pauta é o “corpo”, o diálogo entre o Hip Hop e o feminismo se encontra nas formas de andar, vestir, falar, pintar e dançar. O Hip Hop e o feminismo são capazes de tratar sobre múltiplas questões de movimento do corpo das mulheres e das convenções nas quais está envolto. É o que Carla afirma, que “*pesa muito sobre essa questão do corpo, como esse corpo se movimenta, como esse corpo fala também*”.

O corpo é lido por estas jovens sob outra linguagem, que sofre interferências desta militância Hip Hop e feminista ou de mulheres. Quando eu pergunto como uma *hip hoper* percebe a interferência do movimento social, seja Hip Hop e feminismo em sua vida, Negramone responde,

Interferem porque muda o corpo dessa pessoa, muda o estilo dessa pessoa, muda e acaba identificando pra essa pessoa quem ela é, de onde ela veio, a história dela que nunca foi contada. Influencia porque acaba sendo um conceito muito, como vou dizer, conceito conjunto e partindo dessas experiências que essa pessoa é, ela acaba sendo referência. Eu não gosto muito da palavra influenciar, de influenciado. Gosto de palavras que possam suscitar, vamos dizer, referências. Porque quando uma criança vê sempre a televisão e vê sempre personagens de desenho brancos, elas vão querer ser, a referência pra ela é ser branca. Então, eu vou num conceito de referência, então as pessoas se sentem dentro das suas casas, elas se vêem, se vêem como pessoas políticas, como pessoas dinâmicas, como pessoas que podem construir uma nova sociedade, podem transformar onde vive, e podem falar porque a sociedade precisa disso, os jovens, na verdade, precisam disso e o Hip Hop suscita essa lógica de você falar, de você falar

das coisas que nunca foram colocadas pra você se manifestar, entendeu? Então, vai muito, muito mais direcionado pra isso. Pra essa essência mesmo da mulher, da mulher negra, do homem branco, do homem branco no sentido dele até se autoafirmar também, dentro dessa própria articulação, e pra saber de como racismo funciona, de como sexismo, de como o machismo funcionam. Contribui? Contribui pelo ser, acho que, contribui não... Acho que ainda contribui ... Não só contribuiu pra algumas coisas, e contribui pra... Contribuiu pra eu ser a pessoa que sou hoje, por saber o contexto da minha realidade, de que estado eu vivo, de que país é esse e contribuiu pra eu entender que nem tudo que a gente vê é o que é (Negramone, 13.04.2008).

A interferência dos conhecimentos adquiridos na experiência de militância no movimento social é responsável por transformações na visão de mundo destas jovens, porque *“muda o estilo dessa pessoa, muda e acaba identificando pra essa pessoa quem ela é”*. Estas ideias de autoconhecimento do indivíduo, de assumir sua identidade, de se reconhecer ou se sentir representada por alguém, e o reconhecimento de seu próprio poder de transformação da sociedade onde se vive são resultados de um processo de politização e empoderamento destas jovens. *“elas se vêem, se vêem como pessoas políticas, como pessoas dinâmicas, como pessoas que podem construir uma nova sociedade”*.

Quando provocadas a pensar sobre si mesmas, sobre o lugar onde moram, a situação do transporte de sua cidade, a lógica de beleza da mídia, sobre sua *sexualidade* e diversidade sexual, a autonomia do seu corpo, ou qualquer outro assunto sobre o mundo a sua volta, *“o Hip Hop suscita essa lógica de você falar, de você falar das coisas que nunca foram colocadas pra você se manifestar”*. Elas são convidadas a se situarem, terem uma opinião e conhecerem um pouco mais sobre elas mesmas ao mesmo tempo em que este conhecimento interfere no reconhecimento de suas referências: *“Contribuiu pra eu ser a pessoa que sou hoje, por saber o contexto da minha realidade”*.

De feminismo, da sexualidade e do corpo das mulheres

O feminismo traz consigo a história da luta das mulheres no mundo, sendo compreendido como um movimento que defende os direitos das mulheres. Além de ser visto como uma forma de vida que orienta diferentes possíveis visões de mundo, o feminismo também se dedica a própria relação das mulheres com o seu corpo. Negramone (13.04.2008) explica sua posição acerca destas questões,

Eu entendo feminismo como uma política transversal, uma política em que discute a questão da mulher, a questão racial, a questão, vamos dizer, de Estado também e da questão da sexualidade como um todo. Então eu entendo como uma filosofia de vida, como uma filosofia de vida e de

vida mesmo dessas mulheres (...). As dificuldades são muito universal, principalmente, quando se toca na questão de ser mulher, jovem, negra e por ter orientação sexual afetiva diferente da norma, são vastas, então, só o fato você ter essa dificuldade dos próprios, vamos dizer, companheiros de movimento, os próprios companheiros de movimento não deixar que você possa realizar uma coisa que vai ser interessante para o próprio movimento nessas discussões de gênero, nas questões da masculinidade dos homens dentro do movimento, na construção de uma sociedade menos sexista, machista, homofóbica.

Para Negramone, feminismo é “*uma política transversal*” e até “*uma filosofia de vida*” que tem como prioridade as mulheres e que dialoga com as categorias que identificam esta mulher em questão, em sua identidade racial, sexual, entre outras que a rodeiam.

Carla também contribui com este debate quando afirma ser reduzido o número de mulheres no movimento em comparação com o número de homens. Em detrimento deste contexto, as mulheres são recepcionadas pelos homens no movimento, questionadas a partir de seus corpos, como relata Carla (14.04.2008): “*o primeiro olhar da dúvida, duvidar do potencial da menina e o outro olhar que é tipo de seduzir mesmo aquela menina, acham que aquela menina é pra do lado deles que tá lá no movimento*”.

A *b-girl* Priscila (17.04.2008) destaca a autoestima e confiança quando afirma que acredita que feminismo “*é quando a gente cuida da gente, é quando a gente corre atrás de nossos objetivos, quando a gente luta por aquilo que a gente quer*”. É como se o feminismo pudesse impulsionar a força que cada mulher tem dentro de si para a realização de suas metas pessoais e profissionais.

Dina concorda com Paula, o *machismo* atinge a todas as mulheres, independente de sua identidade étnico-racial. Por isso ela defende o feminismo como a luta pelo direito de decidir das mulheres. Para ela, “*feminismo é a busca por autonomia das mulheres, estas mulheres brancas, mulheres negras e mulheres indígenas, é autonomia, a luta dessa autonomia, isso é ser feminista, eu entendo por ai*” (Dina,14.08.10). Pergunto a Dina se ela se considera feminista? Ela responde “*Sim, lógico, eu sou uma feminista negra, lógico que sim*”.

Contudo, neste espaço são vivenciadas questões que, representam um mote de reivindicação de participação (PHILLIPS, 2001) dos grupos marginalizados com demandas coletivas e específicas. Por meio cada vez maior a presença ativa das mulheres abre “brechas”, não apenas interessadas em visibilização, mas comprometidas em interferir nas pautas que elencam a agenda do movimento. Elas ressignificam os elementos do Hip Hop inserindo suas questões a exemplo de temas nas letras de rap e outros.

Portanto, a partir das experiências colhidas neste espaço, o Hip Hop pode ser visto com ambivalência em relação a contestação as convenções de gênero, pois há uma tentativa de alcançar transformações sociais e incidir na assimetria de gênero no Hip Hop. As *hip hoppers* ressignificam atributos e valores dados a feminilidade e a masculinidade, bem como as experiências e as relações das jovens mulheres heterossexuais e lésbicas, diante da criação de novas experiências para as mulheres e homens e para o movimento como o todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. **Proposta**, Rio de Janeiro, 1º mar. 2000.

BONETTI, Alinne L. **Não basta ser mulher, tem que ter coragem:** uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo político feminista do Recife – PE. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IFCH, Unicamp. Campinas.

COLLINS, Patrícia Hill. **From black power to hip hop:** racism, nationalism, and feminism. Philadelphia: Temple University Press, 2006.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Participação política das mulheres jovens:** hip hop e (novo) movimento social em Salvador (1996-2009). 2010. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciência Política, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Hip Hop feminista?:** Convenções de Gênero e Feminismos no movimento Hip Hop soteropolitano / Rebeca sobral Freire. – Salvador, 2011. 170 f.: il.

GILROY, Paul. Jóias trazidas da servidão: música negra e política da autenticidade. In: **Atlântico Negro:** modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. Cap.3.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Relações de gênero e rock`n`roll: um estudo sobre as bandas femininas de Florianópolis. In: **Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero, 3.**, Redações e artigos científicos vencedores. Brasília, DF: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. 2008.

GREGORY, Filomena. **Cenas e queixas:** um estudo sobre as mulheres, relações violentas e prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, 1995.

MATSUNAGA, P. S. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. **Revista Psicologia e Sociedade JCR**, Florianópolis, v. 20, 2008.

OLIVEIRA, Ana Paula Conceição. **Movimento hip hop: educação em quatro elementos**. 2007. 77 f. Monografia (Bacharelado em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PHILLIPS, ANNE. De uma política de idéias a uma política de presença? **Rev. Estud. Fem.** [online], vol.9, n.1, 2001. ISSN 0104-026X.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência: uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Orgs.). **Feminismo, ciência e tecnologia, Coleção Bahianas**, Salvador, 2002.

SILVA, Maria Aparecida da. O rap das meninas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, 1995.

SANTOS, Atiely; SUNEGA, Fernanda. Hip Hop Mulher: experiências de organização. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; SOUZA, Raquel. **Jovens Feministas presentes**. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedric Ebert; Brasília: Unifem, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.